

SAGRADA FAMÍLIA

CIC 531-534: a Sagrada Família

- 531** Durante a maior parte da sua vida, Jesus partilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida quotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica sujeita à Lei de Deus¹, vida na comunidade. De todo este período, é-nos revelado que Jesus era «submisso» a seus pais² e que «ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52).
- 532** A submissão de Jesus à sua Mãe e ao seu pai legal foi o cumprimento perfeito do quarto mandamento. É a imagem temporal da sua obediência filial ao Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e a Maria anunciava e antecipava a submissão de Quinta-Feira Santa: «Não se faça a minha vontade [...]» (Lc 22, 42). A obediência de Cristo, no quotidiano da vida oculta, inaugurava já a recuperação daquilo que a desobediência de Adão tinha destruído³.
- 533** A vida oculta de Nazaré permite a todos os homens entrar em comunhão com Jesus, pelos diversos caminhos da vida quotidiana:
- «Nazaré é a escola em que se começa a compreender a vida de Jesus, é a escola em que se inicia o conhecimento do Evangelho[...] Em primeiro lugar, uma lição de *silêncio*. Oh! se renascesse em nós o amor do silêncio, esse admirável e indispensável hábito do espírito [...]! Uma lição de *vida familiar*. Que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu carácter sagrado e inviolável [...]. Uma lição de *trabalho*. Nazaré, a casa do “Filho do carpinteiro”! Aqui desejaríamos compreender e celebrar a lei, severa mas redentora, do trabalho humano [...]. Daqui, finalmente, queremos saudar os trabalhadores de todo o mundo e mostrar-lhes o seu grande modelo, o seu Irmão divino»⁴.
- 534** O *reencontro de Jesus no templo*⁵ é o único acontecimento que quebra o silêncio dos evangelhos sobre os anos ocultos de Jesus. Nele, Jesus deixa entrever o mistério da sua consagração total à missão decorrente da sua filiação divina: «Não sabíeis que Eu tenho de estar na casa do meu Pai?». Maria e José «não compreenderam» esta palavra, mas acolheram-na na fé, e Maria «guardava no coração todas estas recordações», ao longo dos anos em que Jesus permaneceu oculto no silêncio duma vida normal.

¹ Cf. Gl 4, 4.

² Cf. Lc 2, 51.

³ Cf. Rm 5, 19.

⁴ PAULO VI, *Alocução na igreja da Anunciação à bem-aventurada Virgem Maria em Nazaré*, 5 de Janeiro de 1964: AAS 56 (1964) 167-168 [*Festa da Sagrada Família*, 2ª Leitura do Ofício de Leitura: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 381-382].

⁵ Cf. Lc 2, 41-52.

CIC 1655-1658, 2204-2206: a família cristã, uma Igreja doméstica

1655 Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a «família de Deus». Desde as suas origens, o núcleo aglutinante da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, «com toda a sua casa», se tinham tornado crentes»⁶. Quando se convertiam, desejavam que também «toda a sua casa» fosse salva⁷. Estas famílias, que passaram a ser crentes, eram pequenas ilhas de vida cristã no meio dum mundo descrente.

1656 Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica»⁸. É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada»⁹.

1657 É aqui que se exerce, de modo privilegiado, o *sacerdócio baptismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, «na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efectiva»¹⁰. O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano»¹¹. É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida.

1658 Não podem esquecer-se, também, certas pessoas que estão, em virtude das condições concretas em que têm de viver, muitas vezes sem assim o terem querido, particularmente próximas do coração de Cristo, e que merecem, portanto, a estima e a solicitude atenta da Igreja, particularmente dos pastores: o grande número de *pessoas celibatárias*. Muitas delas ficam *sem família humana*, frequentemente devido a condições de pobreza. Algumas vivem a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. Mas a todas é necessário abrir as portas dos lares, «igrejas domésticas», e da grande família que é a Igreja. «Ninguém se sinta privado de família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão “cansados e oprimidos” (Mt 11, 28)»¹².

2204 «A família cristã constitui uma revelação e uma realização específica da comunhão eclesial; por esse motivo [...], há-de ser designada como uma *igreja*

⁶ Cf. Act 18, 8.

⁷ Cf. Act 16, 31; 11, 14.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 15.

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹² JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 85: AAS 74 (1982) 187.

doméstica»¹³. Ela é uma comunidade de fé, de esperança e de caridade; reveste-se duma importância singular na Igreja, como transparece do Novo Testamento¹⁴.

2205 A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua actividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. É chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária.

2206 As relações no seio da família comportam uma afinidade de sentimentos, de afectos e de interesses, que provêm sobretudo do mútuo respeito das pessoas. A família é uma *comunidade privilegiada*, chamada a realizar a comunhão das almas, o comum acordo dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos¹⁵.

CIC 2214-2233: os deveres dos membros da família

2214 A paternidade divina é a fonte da paternidade humana¹⁶; nela se fundamenta a honra devida aos pais. O respeito dos filhos, menores ou adultos, pelo seu pai e pela sua mãe¹⁷ nutre-se do afecto natural nascido dos laços que os unem. Exige-o o preceito divino¹⁸.

2215 O respeito pelos pais (*piedade filial*) é feito de *reconhecimento* àqueles que, pelo dom da vida, pelo seu amor e seu trabalho, puseram os filhos no mundo e lhes permitiram crescer em estatura, sabedoria e graça. «Honra o teu pai de todo o teu coração e não esqueças as dores da tua mãe. Lembra-te de que foram eles que te geraram. Como lhes retribuirás o que por ti fizeram?» (*Sir 7, 27-28*).

2216 O respeito filial revela-se na docilidade e na *obediência* autênticas. «Observa, meu filho, as ordens do teu pai, e não desprezes os ensinamentos da tua mãe [...]. Servir-te-ão de guia no caminho, velarão por ti quando dormires, e falarão contigo ao despertares» (*Pr 6, 20.22*). «O filho sábio é fruto da correcção paterna, mas o insolente não aceita a repreensão» (*Pr 13, 1*).

2217 Enquanto viver na casa dos pais, o filho deve obedecer a tudo o que eles lhe mandarem para seu bem ou o da família. «Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor» (*Cl 3, 20*)¹⁹. Os filhos devem também obedecer às prescrições razoáveis dos seus educadores e de todos aqueles a quem os pais os confiaram. Mas se o filho se persuadir, em consciência, de que é moralmente mau obedecer a determinada ordem, não o faça.

¹³ JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁴ Cf. *Ef 5, 21-6, 4; Cl 3, 18-21; 1 Pe 3, 1-7*.

¹⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹⁶ Cf. *Ef 3, 15*.

¹⁷ Cf. *Pr 1, 8; Tb 4, 3-4*.

¹⁸ Cf. *Ex 20, 12*.

¹⁹ Cf. *Ef 6, 1*.

Com o crescimento, os filhos continuarão a respeitar os pais. Adivinharão os seus desejos, pedirão de boa vontade os seus conselhos e aceitarão as suas admoestações justificadas. A obediência aos pais cessa com a emancipação; mas não o respeito que sempre lhes é devido. É que este tem a sua raiz no temor de Deus, que é um dos dons do Espírito Santo.

2218 O quarto mandamento lembra aos filhos adultos as suas *responsabilidades para com os pais*. Tanto quanto lhes for possível, devem prestar-lhes ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença, da solidão ou do desânimo. Jesus lembra este dever de gratidão²⁰.

«Deus quis honrar o pai pelos filhos e cuidadosamente firmou sobre eles a autoridade da mãe. O que honra o pai alcança o perdão dos seus pecados e quem honra a mãe é semelhante àquele que acumula tesouros. Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos e será ouvido no dia da sua oração. Quem honra o pai gozará de longa vida e quem lhe obedece consolará a sua mãe» (*Sir* 3, 2-6).

«Filho, ampara o teu pai na velhice, não o desgostes durante a sua vida. Mesmo se ele vier a perder a razão, sê indulgente, não o desprezes, tu que estás na plenitude das tuas forças [...]. É como um blasfemador o que desampara o seu pai e é amaldiçoado por Deus aquele que irrita a sua mãe» (*Sir* 3, 12-16).

2219 O respeito filial favorece a harmonia de toda a vida familiar; engloba também as *relações entre irmãos e irmãs*. O respeito pelos pais impregna todo o ambiente familiar. «A coroa dos anciãos são os filhos dos seus pais» (*Pr* 17, 6). «Suportai-vos uns aos outros na caridade, com toda a humildade, mansidão e paciência» (*Ef* 4, 2).

2220 Os cristãos têm o dever de ser especialmente gratos àqueles de quem receberam o dom da fé, a graça do Baptismo e a vida na Igreja. Pode tratar-se dos pais, mas também de outros membros da família, dos avós, dos pastores, dos catequistas, dos professores ou amigos. «Conservo a lembrança da tua fé tão sincera, que foi primeiro a da tua avó Lóide e da tua mãe Eunice, e que, estou certo, habita também em ti» (*2 Tm* 1, 5).

2221 A fecundidade do amor conjugal não se reduz apenas à procriação dos filhos. Deve também estender-se à sua educação moral e à sua formação espiritual. O «*papel dos pais na educação* é de tal importância que é impossível substituí-los»²¹. O direito e o dever da educação são primordiais e inalienáveis para os pais²².

2222 Os pais devem olhar para os seus filhos como *filhos de Deus* e respeitá-los como *peças humanas*. Educarão os seus filhos no cumprimento da lei de Deus, na medida em que eles próprios se mostrarem obedientes à vontade do Pai dos céus.

²⁰ Cf. *Mc* 7, 10-12.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Gravissimum educationis*, 3: AAS 58 (1966) 731.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 36: AAS 74 (1982) 126.

2223 Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela *criação dum lar* onde são regra a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado. O lar é um lugar apropriado para a *educação das virtudes*, a qual requer a aprendizagem da abnegação, de sãos critérios, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade. Os pais ensinarão os filhos a subordinar «as dimensões físicas e instintivas às dimensões interiores e espirituais»²³. Os pais têm a grave responsabilidade para dar bons exemplos aos filhos. Sabendo reconhecer diante deles os próprios defeitos, serão mais capazes de os guiar e corrigir:

«Aquele que ama o seu filho, castiga-o com frequência [...]. Aquele que dá ensinamentos ao seu filho será louvado» (*Sir* 30, 1-2). «E vós, pais, não irriteis os vossos filhos; pelo contrário, educai-os com disciplina e advertências inspiradas pelo Senhor» (*Ef* 6, 4).

2224 O lar constitui o âmbito natural para a iniciação da pessoa humana na solidariedade e nas responsabilidades comunitárias. Os pais devem ensinar os filhos a acautelar-se dos perigos e degradações que ameaçam as sociedades humanas.

2225 Pela graça do sacramento do matrimónio, os pais receberam a responsabilidade e o privilégio de *evangelizar os filhos*. Desde tenra idade devem iniciá-los nos mistérios da fé, de que são os «primeiros arautos»²⁴. Não-de associá-los, desde a sua primeira infância, à vida da Igreja. A maneira como se vive em família pode alimentar as disposições afectivas, que durante toda a vida permanecem como autêntico preâmbulo e esteio duma fé viva.

2226 A *educação da fé* por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Faz-se já quando os membros da família se ajudam mutuamente a crescer na fé pelo testemunho duma vida cristã, de acordo com o Evangelho. A catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar os filhos a rezar e a descobrir a sua vocação de filhos de Deus²⁵. A paróquia é a comunidade eucarística e o coração da vida litúrgica das famílias cristãs; é o lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais.

2227 Por sua vez, os filhos contribuem para o *crescimento* dos seus pais *na santidade*²⁶. Todos e cada um se darão, generosamente e sem se cansar, o perdão mútuo exigido pelas ofensas, querelas, injustiças e abandonos. Assim o sugere o afecto mútuo. E assim o exige a caridade de Cristo²⁷.

2228 Durante a infância, o respeito e o carinho dos pais traduzem-se, primeiro, no cuidado e na atenção que consagram à educação dos filhos, para *prover às suas necessidades físicas e espirituais*. À medida que vão crescendo, o mesmo respeito e dedicação levam os pais a educar os filhos no sentido dum uso correcto da sua razão e da sua liberdade.

²³ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 36: AAS 83 (1991) 838.

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. CIC can. 1136.

²⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 48: AAS 58 (1966) 1069.

²⁷ Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 4.

2229 Como primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos, os pais têm o direito de *escolher para eles uma escola* que corresponda às suas próprias convicções. É um direito fundamental. Tanto quanto possível, os pais têm o dever de escolher as escolas que melhor os apoiem na sua tarefa de educadores cristãos²⁸. Os poderes públicos têm o dever de garantir este direito dos pais e de assegurar as condições reais do seu exercício.

2230 Ao tornarem-se adultos, os filhos têm o dever e o direito de *escolher a sua profissão e o seu estado de vida*. Devem assumir as novas responsabilidades numa relação de confiança com os seus pais, a quem pedirão e de quem de boa vontade receberão opiniões e conselhos. Os pais terão o cuidado de não constranger os filhos, nem na escolha duma profissão, nem na escolha do cônjuge. Mas este dever de discrição não os proíbe, muito pelo contrário, de os ajudar com opiniões ponderadas, sobretudo quando tiverem em vista a fundação dum novo lar.

2231 Há quem não se case para cuidar dos pais ou dos irmãos e irmãs; ou para se dedicar mais exclusivamente a uma profissão; ou ainda por outros motivos válidos. Esses podem contribuir muitíssimo para o bem da família humana.

2232 São importantes, mas não absolutos, os laços familiares. Quanto mais a criança cresce para a maturidade e autonomia humanas e espirituais, tanto mais a sua vocação individual, que vem de Deus, se afirma com nitidez e força. Os pais devem respeitar este chamamento e apoiar a resposta dos filhos para o seguir. Não-de convencer-se de que a primeira vocação do cristão é *seguir Jesus*²⁹: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim» (Mt 10, 37).

2233 Tornar-se discípulo de Jesus é aceitar o convite para pertencer à *família de Deus*, para viver em conformidade com a sua maneira de viver: «Todo aquele que fizer a vontade do meu Pai que está nos céus, é que é meu irmão e minha irmã e minha mãe» (Mt 12, 49).

Os pais devem acolher e respeitar, com alegria e acção de graças, o chamamento que o Senhor fizer a um dos seus filhos, para O seguir na virgindade pelo Reino, na vida consagrada ou no ministério sacerdotal.

CIC 534, 583, 2599: o encontro de Jesus no Templo

534 O *reencontro de Jesus no templo*³⁰ é o único acontecimento que quebra o silêncio dos evangelhos sobre os anos ocultos de Jesus. Nele, Jesus deixa entrever o mistério da sua consagração total à missão decorrente da sua filiação divina: «Não sabíeis que Eu tenho de estar na casa do meu Pai?». Maria e José «não compreenderam» esta palavra, mas acolheram-na na fé, e Maria «guardava no

²⁸ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Gravissimum educationis*, 6: AAS 58 (1966) 733.

²⁹ Cf. Mt 16, 23.

³⁰ Cf. Lc 2, 41-52.

coração todas estas recordações», ao longo dos anos em que Jesus permaneceu oculto no silêncio duma vida normal.

583 Jesus, como antes d’Ele os profetas, professou pelo templo de Jerusalém o mais profundo respeito. Ali foi apresentado por José e Maria, quarenta dias depois do seu nascimento³¹. Na idade de doze anos, decidiu ficar no templo para lembrar aos seus pais que tinha de Se ocupar das coisas de seu Pai³². Ao templo subiu todos os anos, ao menos pela Páscoa, durante a vida oculta³³. O seu próprio ministério público foi ritmado pelas peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas³⁴.

2599 O Filho de Deus, feito Filho da Virgem, aprendeu a orar segundo o seu coração de homem. Aprendeu as fórmulas de oração com a sua Mãe, que conservava e meditava no seu coração todas as «maravilhas» feitas pelo Onnipotente³⁵. Ele ora com as palavras e nos ritmos da oração do seu povo, na sinagoga de Nazaré e no Templo. Mas a sua oração brotava duma fonte muito mais secreta, como deixa pressentir quando diz, aos doze anos: «Eu devo ocupar-me das coisas do meu Pai» (Lc 2, 49). Aqui começa a revelar-se a novidade da oração na plenitude dos tempos: a *oração filial*, que o Pai esperava dos seus filhos, vai finalmente ser vivida pelo próprio Filho Único na sua humanidade, com e para os homens.

CIC 64, 489, 2578: Ana e Samuel

64 Pelos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa duma aliança nova e eterna, destinada a todos os homens³⁶, e que será gravada nos corações³⁷. Os profetas anunciam uma redenção radical do povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades³⁸, uma salvação que abrangerá todas as nações³⁹. Serão sobretudo os pobres e os humildes do Senhor⁴⁰ os portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Rebeca, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester conservaram viva a esperança da salvação de Israel. Maria é a imagem puríssima desta esperança⁴¹.

489 Ao longo da Antiga Aliança, a missão de Maria foi *preparada* pela missão de santas mulheres. Logo no princípio, temos Eva; apesar da sua desobediência, ela recebe a promessa duma descendência que sairá vitoriosa do Maligno⁴² e de vir a ser a mãe de todos os vivos⁴³. Em virtude desta promessa, Sara concebe um filho, apesar da sua idade avançada⁴⁴. Contra toda a esperança humana,

³¹ Cf. Lc 2, 22-39.

³² Cf. Lc 2, 46-49.

³³ Cf. Lc 2, 41.

³⁴ Cf. Jo 2, 13-14; 5, 1.14; 7, 1.10.14; 8, 2; 10, 22-23.

³⁵ Cf. Lc 1, 49; 2, 19; 2, 51.

³⁶ Cf. Is 2, 2-4.

³⁷ Cf. Jr 31, 31-34; Heb 10, 16.

³⁸ Cf. Ez 36.

³⁹ Cf. Is 49, 5-6; 53, 11.

⁴⁰ Cf. Sf 2, 3.

⁴¹ Cf. Lc 1, 38.

⁴² Cf. Gn 3, 15.

⁴³ Cf. Gn 3, 20.

⁴⁴ Cf. Gn 18, 10-14; 21, 1-2.

Deus escolheu o que era tido por incapaz e fraco⁴⁵ para mostrar a sua fidelidade à promessa feita: Ana, a mãe de Samuel⁴⁶, Débora, Rute, Judite e Ester e muitas outras mulheres. Maria «é a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa filha de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação»⁴⁷.

2578 A oração do povo de Deus vai expandir-se à sombra da morada de Deus: a arca da aliança e, mais tarde, o templo. São, em primeiro lugar, os condutores do povo – os pastores e os profetas – que o ensinarão a orar. O pequeno Samuel teve de aprender de Ana, sua mãe, o modo como devia «comportar-se na presença do Senhor»⁴⁸, e do sacerdote Eli, como devia escutar a sua Palavra: «Falai, Senhor, que o vosso servo escuta» (1 Sm 3, 9-10). Mais tarde, também ele conhecerá o peso e o preço da intercessão: «Longe de mim também este pecado contra o Senhor: deixar de rogar por vós! Eu vos mostrarei sempre o caminho bom e recto» (1 Sm 12, 23).

CIC 1, 104, 239, 1692, 1709, 2009, 2736: todos somos agora filhos adoptivos de Deus

1 Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada. Por isso, sempre e em toda a parte, Ele está próximo do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-Lo, a conhecê-Lo e a amá-Lo com todas as suas forças. Convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade da sua família que é a Igreja. Para tal, enviou o seu Filho como Redentor e Salvador na plenitude dos tempos. N'Ele e por Ele, chama os homens a tornarem-se, no Espírito Santo, seus filhos adoptivos e, portanto, herdeiros da sua vida bem-aventurada.

104 Na Sagrada Escritura, a Igreja encontra continuamente o seu alimento e a sua força⁴⁹, porque nela não recebe apenas uma palavra humana, mas o que ela é na realidade: a Palavra de Deus⁵⁰. «Nos livros sagrados, com efeito, o Pai que está nos Céus vem amorosamente ao encontro dos seus filhos, a conversar com eles»⁵¹.

239 Ao designar Deus com o nome de «Pai», a linguagem da fé indica principalmente dois aspectos: que Deus é a origem primeira de tudo e a autoridade transcendente, e, ao mesmo tempo, que é bondade e solicitude amorosa para com todos os seus filhos. Esta ternura paternal de Deus também pode ser expressa pela imagem da maternidade⁵², que indica melhor a imanência de Deus, a intimidade entre Deus e a sua criatura. A linguagem da fé vai, assim, haurir na experiência humana dos progenitores, que são, de certo modo, os primeiros representantes

⁴⁵ Cf. 1 Cor 1, 27.

⁴⁶ Cf. 1 Sm 1.

⁴⁷ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 55: AAS 57 (1965) 59-60.

⁴⁸ Cf. 1 Sm 1, 9-18.

⁴⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 24: AAS 58 (1966) 829.

⁵⁰ Cf. 1 Ts 2, 13.

⁵¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 21: AAS 58 (1966) 827-828.

⁵² Cf. Is 66, 13; Sl 131, 2.

de Deus para o homem. Mas esta experiência diz também que os progenitores humanos são falíveis e podem desfigurar a face da paternidade e da maternidade. Convém, então, lembrar que Deus transcende a distinção humana dos sexos. Não é homem nem mulher: é Deus. Transcende também a paternidade e a maternidade humanas⁵³, sem deixar de ser de ambas a origem e a medida⁵⁴: ninguém é pai como Deus.

1692 O Símbolo da fé, professou a grandeza dos dons de Deus ao homem na obra da criação e, mais ainda, na da redenção e santificação. O que a fé confessa, os sacramentos comunicam-no: pelos «sacramentos, que os fizeram renascer», os cristãos tornaram-se «filhos de Deus» (1 Jo 3, 1)⁵⁵, «participantes da natureza divina» (2 Pe 1, 4). Reconhecendo pela fé a sua nova dignidade, os cristãos são chamados a levar, doravante, uma «vida digna do Evangelho de Cristo»⁵⁶. Pelos sacramentos e pela oração, recebem a graça de Cristo e os dons do seu Espírito, que dela os tornam capazes.

1709 Quem crê em Cristo torna-se filho de Deus. Esta adoção filial transforma-o, dando-lhe a possibilidade de seguir o exemplo de Cristo. Torna-o capaz de agir com rectidão e de praticar o bem. Na união com o seu Salvador, o discípulo atinge a perfeição da caridade, que é a santidade. Amadurecida na graça, a vida moral culmina na vida eterna, na glória do céu.

2009 A adoção filial, tornando-nos, pela graça, participantes da natureza divina, pode conferir-nos, segundo a justiça gratuita de Deus, um *verdadeiro mérito*. Trata-se de um direito derivante da graça, o direito pleno do amor que nos faz «co-herdeiros» de Cristo e dignos de obter a «herança prometida da vida eterna»⁵⁷. Os méritos das nossas boas obras são dons da bondade divina⁵⁸. «A graça precedeu; agora restitui-se o que é devido... Os méritos são dons de Deus»⁵⁹.

2736 Será que estamos convencidos de que «não sabemos o que pedir, para rezar como devemos» (Rm 8, 26)? Será que pedimos a Deus «os bens convenientes»? O nosso Pai sabe muito bem do que precisamos, antes que Lho peçamos⁶⁰, mas espera o nosso pedido, porque a dignidade dos seus filhos está na sua liberdade. Devemos, pois, orar com o seu Espírito de liberdade para podermos conhecer de verdade qual é o seu desejo⁶¹.

⁵³ Cf. Sl 27, 10.

⁵⁴ Cf. Ef 3, 14-15; Is 49, 15.

⁵⁵ Cf. Jo 1, 12.

⁵⁶ Cf. Fl 1, 27.

⁵⁷ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

⁵⁸ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

⁵⁹ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 298, 4-5: SPM 1, 98-99 (PL 38, 1376).

⁶⁰ Cf. Mt 6, 8.

⁶¹ Cf. Rm 8, 27.

CIC 163, 1023, 1161, 2519, 2772: veremos Deus “face a face”, “tal como Ele é”

163 A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), «tal como Ele é» (1 Jo 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia»⁶².

1023 Os que morrem na graça e amizade de Deus e estão perfeitamente purificados, vivem para sempre com Cristo. São para sempre semelhantes a Deus, porque O vêem «tal como Ele é» (1 Jo 3, 2), «face a face» (1 Cor 13, 12)⁶³:

«Com a nossa autoridade apostólica, definimos que, por geral disposição divina, as almas de todos os santos mortos antes da paixão de Cristo [...] e as de todos os outros fiéis que morreram depois de terem recebido o santo Baptismo de Cristo e nas quais nada havia a purificar no momento da morte, ou ainda daqueles que, se no momento da morte houve ou ainda há qualquer coisa a purificar, acabaram por o fazer [...] mesmo antes de ressuscitarem em seus corpos e do Juízo universal – e isto depois da Ascensão ao céu do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo –, estiveram, estão e estarão no céu, associadas ao Reino dos céus e no paraíso celeste, com Cristo, na companhia dos santos anjos. E depois da paixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo, essas almas viram e vêem a essência divina com uma visão intuitiva e face a face, sem a mediação de qualquer criatura»⁶⁴.

1161 Todos os sinais da celebração litúrgica fazem referência a Cristo: também as imagens sagradas da Mãe de Deus e dos santos. De facto, elas significam Cristo que nelas é glorificado; manifestam «a nuvem de testemunhas» (Heb 12, 1) que continuam a participar na salvação do mundo e às quais estamos unidos, sobretudo na celebração sacramental. Através dos seus ícones, é o homem «à imagem de Deus», finalmente transfigurado «à sua semelhança»⁶⁵, que se revela à nossa fé – como ainda os anjos, também eles recapitulados em Cristo:

«Seguindo a doutrina divinamente inspirada dos nossos santos Padres e a tradição da Igreja Católica, que nós sabemos ser a tradição do Espírito Santo que nela habita, definimos com toda a certeza e cuidado que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da Cruz preciosa e vivificante, pintadas, representadas em mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre as alfaias e vestes sagradas, nos muros e em quadros, nas casas e nos caminhos; e tanto a imagem de nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, como a de nossa Senhora, a puríssima e santa Mãe de Deus, a dos santos anjos e de todos os santos e justos»⁶⁶.

2519 Aos «puros de coração» é prometido que verão a Deus face a face e serão semelhantes a Ele⁶⁷. A pureza do coração é condição prévia para a visão. Já desde

⁶² SÃO BASÍLIO MAGNO, *Liber de Spiritu Sancto*, 15, 36: SC 17bis, 370 (PG 32, 132); cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae* II-II, q. 4, a. 1, c: Ed. Leon. 8, 44.

⁶³ Cf. *Ap* 22, 4.

⁶⁴ BENTO XII, Const. *Benedictus Deus*: DS 1000; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 49: AAS 57 (1965) 54.

⁶⁵ Cf. *Rm* 8, 29; *1 Jo* 3, 2.

⁶⁶ II CONCÍLIO DE NICEIA, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 600.

⁶⁷ Cf. *1 Cor* 13, 12; *1 Jo* 3, 2.

agora, permite-nos ver *segundo* Deus, aceitar o outro como um «próximo» e compreender o corpo humano, o nosso e o do próximo, como um templo do Espírito Santo, uma manifestação da beleza divina.

2772 Desta fé inabalável brota a esperança que suscita cada uma das sete petições. Estas exprimem os gemidos do tempo presente, este tempo da paciência e da espera, durante o qual «ainda não se manifestou o que havemos de ser» (1 Jo 3, 2)⁶⁸. A Eucaristia e o Pai-nosso apontam para a vinda do Senhor, «até que Ele venha!» (1 Cor 11, 26).

⁶⁸ Cf. Cl 3, 4.